

O ascenso das lutas operárias durante a ditadura militar na grande São Paulo 1968-1980: Osasco, São Paulo e ABC paulista

Alessandro de Moura¹

Introdução

Em 1968 assistiu-se o início da ruptura com o equilíbrio derivado do acordo de Yalta que definia a divisão do mundo em zonas de influência, uma hegemônica pelos EUA e outra hegemônica pela URSS. Chegou-se também ao fim do ciclo econômico do pós-segunda guerra, com o início de uma crise de acumulação capitalista em uma fase de depressão da economia mundial. O esgotamento do crescimento econômico internacional está na raiz do ascenso que começa em 1968 como uma ruptura inaugural com o equilíbrio de Yalta. Assim, o maio francês abre um novo ciclo político, foi um ensaio geral inicial que detonou a crise dessa ordem de domínio bipolar. Desdobrava-se uma nova fase de um ascenso revolucionário mundial que durou até 1981.

A comemoração do Primeiro de maio de 1968 na França mobilizou 100.000 manifestantes. No dia 10 de maio estudantes constroem 60 barricadas no Bairro Latino, foi "A noite das barricadas". As mobilizações operárias obrigaram as centrais sindicais da França à convocação de uma greve geral de 24h no dia 13 de maio que paralisa 450 mil manifestantes. Essa greve geral será a detonadora de uma série de outras greves com ocupações de fábrica que envolverá milhões de operários.

Uma onda de greves, por fora dos sindicatos, varreu a França. (VIGNA, 2008). No dia seguinte, 14 de maio, operários ocupam a Sud-Aviation e tomaram a gerência como refém. No dia 15, os operários da Renault em Cléon também ocupam a fábrica. Conflitos são registrados na fábrica Lockheed de Beauvais. No dia 16, operários de outras fábricas da Renault francesa também deflagram greve com ocupação (localizadas nas cidades de Flins, Bellancourt, Snadouville e Le Man). No dia 17 de maio já se contabilizava 175 mil grevistas. No dia 18 centenas de empresas privadas estão ocupadas. As ocupações continuam expandindo-se. A onda grevista atinge todo o país até o dia 20 de maio. Durante essa semana chega-se a estimar cerca de dez milhões de grevistas. No dia 24 tem-se uma nova "noite das barricadas" com o saldo de 500 feridos e uma morte. Em síntese, a greve geral do dia 13 de maio de 1968 funcionou como detonadora da rebeldia operária. O Maio Francês contribui diretamente para fortalecer as mobilizações contra a Guerra do Vietnã (lembremos que em janeiro de 1967 o governo dos EUA havia enviado 486.000 soldados para o Vietnã). (VIGNA, 2008).

¹ Doutor em Ciências sociais pela UNESP/Marília.

Fortes mobilizações estudantis e operárias agitam o Japão no "assalto a Tóquio" em outubro de 1968, milhares de estudantes e operários atacam o Parlamento, a Embaixada Americana e a estação de Shinjuku, a agitação operária e estudantil atinge mais de 300 locais da ilha. Também no segundo semestre de 1968 desdobrou-se a Primavera de Praga e em 1969 o Inverno Quente italiano, nas principais fábricas na Itália operários organizam-se contra as burocracias sindicais (agentes da dominação de classe), e as determinações sindicais e partidárias do Partido Comunista Italiano e contra a CGIL - Confederazione Generale Italiana del Lavoro. Nos Estados Unidos ganha força o protagonismo do movimento negro, Malcolm-X, Martin Luther King e os Panteras Negras na luta por direitos para a população negra que vivia em condições precárias e sob intenso preconceito racial/étnico. No México, o presidente Gustavo Dias Ordaz Bolaños ordena o massacre contra estudantes da Universidad Autonoma del México (UNAM), mais de 500 são assassinados.

Na Argentina inicia-se um ascenso operário a partir do Cordobazo em 1969, uma onda grevista em Córdoba que contou com enfrentamentos armados entre operários e a força repressiva pública. O movimento operário argentino faz-se sujeito principal de um processo revolucionário que se estende até 1976. (WERNER: AGUIRRE, 2007). No Chile o operariado inicia uma fase pré-revolucionária que expressará grande vigor com os Cordões industriais até 1973. Também irrompia à cena política a Assembléia Popular boliviana, a revolução portuguesa, a derrota norte-americana no Vietnã e a revolução polonesa de 1980-81.

Especificidade do ascenso do processo brasileiro

A partir da primeira metade da década de 1940 inicia-se uma nova fase de acumulo de forças e de mobilização da classe trabalhadora no campo e nas cidades brasileiras, exemplo disso foram as centenas de comissões de fábricas independentes que surgiram na greve dos 300 mil em 1953, bem como as dezenas de piquetes móveis independentes organizados por trabalhadores durante a greve dos 400 mil em 1957 e auto-organização no campo por meio das Ligas Camponesas e as mobilizações massivas nos primeiros anos de 1960. O ponto mais alto desse processo será a crise pré-revolucionária aberta em 1962 e que será sufocada pelo golpe militar burguês em abril de 1964. (PEDROSA, 1966: BANDEIRA, 1977: LEAL, 2011: FERNANDES, 2009). No entanto, o golpe não conseguiu extinguir a chama do movimento operário que se reorganizará desafiando o regime militar em 1968 por meio das greves operárias em Contagem e Osasco.

Duas comissões de fábrica organizadas pela base na Cobrasma

Os trabalhadores de Osasco participaram da greve dos 300 mil em 1953, também da greve dos 400 mil em 1954 e da greve dos 700 mil em 1963. Esses processos combinaram-se com a luta autonomista osasquense para separar-se de São Paulo e tornar-se cidade autônoma. Assim iniciou-se o Movimento emancipacionista que realizou plebiscitos em 1953, 1958 e 1962. O movimento estudantil secundarista da cidade envolveu-se nessas mobilizações e politizou-se, tanto pelas mobilizações na cidade quanto pela conjuntura do país. Ainda, muitos dos estudantes que compunham e dirigiam esse movimento estudantil, como José Ibrahim, Zequinha Barreto e Roberto Espinosa, eram também operários na Cobrasma, fábrica com 4.000 operários que admitia jovens operários a partir dos 14 anos. Dessa forma, as lutas operárias e estudantis se interligavam em Osasco.

Na conjuntura do ascenso das lutas operárias e trabalhadores rurais no início da década de 1960, forma-se na Cobrasma duas comissões de fábrica, uma clandestina composta por operários de esquerda independentes e a *Comissão dos 10*, organizada por militantes católicos da ACO e JOC que impulsionavam a FNT (Força Nacional do Trabalho), entidade que tinha como orientação a busca acordos entre capital e trabalho numa via de atuação marcadamente anti-comunista. De acordo com publicação da FNT (1980): "não se colocava com clareza a questão da luta de classes no capitalismo, isto é, a oposição de interesses entre trabalhadores e classe dominante. A perspectiva era muito mais conciliar capital e trabalho, na linha de convencer o patrão para que, percebendo a verdadeira situação do trabalhador, viesse somar forças conosco". (FRENTE NACIONAL DO TRABALHO, 1980).

Os militantes de esquerda, onde se destacara José Ibrahim, na comissão clandestina da Cobrasma, buscaram aproximar-se da comissão dos católicos que tinha aceitação da patronal e formaram uma comissão unificada. Essa comissão foi eleita pelos operários da fábrica e tornou-se uma comissão legalizada em 1965. No entanto, na segunda eleição para essa recém criada comissão, em 1966, o grupo de esquerda se fortalece dentro da fábrica e conquista a maioria dos cargos da comissão, ultrapassando a influência dos católicos da FNT. (IBRAHIM, 1972). Esses militantes de esquerda são críticos à atuação do PCB no meio sindical e também à FNT, mas não estão ligados a nenhuma organização política.

Da comissão à direção do Sindicato

O trabalho interno feito pela comissão de fábrica, a partir de 1965, encontrou grande aceitação pelo operariado da Cobrasma, com isso, esses operários calcularam que tinham chances de vencer as eleições sindicais para a gestão do Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco em 1967. Formou-se então a *Chapa Verde*, composta por membros da FNT e do grupo de esquerda.

A *Chapa Verde* vence o pleito eleitoral, tendo recebido 90% dos votos dos operários da Cobrasma. Esta fábrica era a maior e mais importante de Osasco, cidade que contavam com cerca de 200 mil habitantes e com aproximadamente 16 mil operários trabalhando na indústria local. Ou seja, o trabalho realizado desde o início da década de 1960 produziu frutos consideráveis. Conquistou uma comissão interna e chegou à gestão do Sindicato. Agora, na gestão, podiam atuar diretamente na criação de comissões em outras fábricas.

A gestão do Sindicato passou a ser feita com participação direta dos operários da região por meio de assembleias abertas e com igualdade entre titulares e suplentes nas decisões. Ainda, o grupo de esquerda passou a oferecer cursos de formação política aos operários, tendo como base o marxismo, passou-se a convidar militantes de diversas organizações da esquerda (POLOP, AP e Trotskistas) para ministrar cursos de formação diária com base nos textos: *Salário, preço e Lucro*, *Teoria da mais valia* e *História da riqueza do homem* etc. Com isso, uma ampla camada de operários passou a orbitar em torno do Sindicato. Essa camada era chamada de *Vanguarda de Fábrica*, estima-se que chegou a organizar cerca de 1000 operários entre julho de 1967 e julho de 1968.

MIA - Movimento Intersindical Anti-arrocho

Com o crescente descontentamento no chão de fábrica, sobretudo por contra do arrocho salarial e do autoritarismo da ditadura militar-burguesa, as direções sindicais empossadas como apoio da ditadura, os pelegos, viram-se obrigados a dar alguma resposta às bases para poder controlá-las. Assim, em setembro de 1967, surgiu o MIA, que foi um organismo sindical hegemônico pelos dirigentes pelegos para reivindicar reajustes junto ao governo. O Sindicato Metalúrgico de Osasco adentra esse movimento com intenção pressioná-lo à esquerda. A direção do MIA programa 5 assembleias nos principais centros operários do Estado: a primeira foi realizada em São Paulo, sob a direção de Joaquinção pelego, a segunda em Santo André, a terceira em Osasco, a quarta em Campinas e a última em Guarulhos.

Foram todas assembleias lotadas com centenas de operários. Em cada uma delas expressava-se a tensão entre os pelegos e os combativos liderados por Osasco. A última assembleia realizada em Guarulhos, já em 1968, foi implodida por causa do antagonismo entre as duas tendências do movimento operário. Assim o MIA foi dissolvido, dando lugar a uma comissão para organizar o Primeiro de maio na Praça da Sé naquele 1968. Mesmo sendo dirigido pelos pelegos, durante os 6 meses de vida do MIA com suas 5 assembleias, criou-se um importante espaço que possibilitou a constituição de laços entre os operários que compunham as oposições sindicais no Estado de São Paulo e alimentou uma nova vanguarda

operária fabril que se formava em oposição ao peleguismo que funcionava como um secretariado sindical à serviço da patronal e da ditadura.

Greve em Contagem - 16 abril de 1968

Nesse entretempo, é deflagrada uma greve em Contagem/MG que envolve todo operariado do parque industrial da cidade no mês de abril de 1968. Já em 1967 registraram-se greves na Mannesman, nos mineiros de Ibrité, na CIA Siderúrgica Nacional de São João del Rei e Usinas Metalúrgicas de Barão dos cocais. A motivação central das greves era o atraso nos salários e demissão de centenas de operários. Em fevereiro de 1968 entram em greve 3.500 operários da ACESITA. No dia 16 de abril de 1968, 1200 operários da Belco-Mineira iniciam greve com ocupação da fábrica. Essa greve marca o início de uma onda de rebeldia operária em Minas Gerais. Aderem à greve 4.500 trabalhadores da Mannesman, também operários da RCA Vitor, Demissa e Industam. Esses são seguidos por operários da SIMEL, Metalúrgica Triângulo, Pollig-Haakel, Minas-Ferro e Mafersa, somando 15.000 grevistas. O movimento dura 10 dias e conquista um reajuste parcial. (WEFFORT, 1969). A vitória dos operários mineiros impacta diretamente sobre o operariado de Osasco e alimenta o ânimo dos trabalhadores da Cobrasma, Ibrahim, presidente do Sindicato de Osasco vai até Minas Gerais com objetivo central de assimilar os elementos organizativos principais da experiência daquele movimento.

O primeiro de maio na Praça da Sé

Na semana seguinte, no Primeiro de maio de 1968, cerca de 1000 operários de Osasco comparecem ao ato na Praça da Sé, levavam bandeiras com a inscrição "Minas é exemplo de luta" e "Só a greve derruba o arrocho". O Sindicato de Osasco fretou vários ônibus para garantir a participação naquele ato, os operários foram armados com paus, barras de ferro e pedras para impedir que o governador biônico Abreu Sodré utilizasse a tribuna. Os pelegos do MIA planejaram um ato que reafirmava o compromisso entre as direções sindicais e os representantes da ditadura, os operários de Osasco, por sua vez, planejaram acabar com a farsa orquestrada pelo peleguismo e a ditadura. Abreu Sobre foi recebido com pedradas e ovos podres. O governador e sua "caravana" tiveram que "sair de gatinho", engatinhando para se refugiar dentro da Catedral da Sé. Os operários expulsam os agentes da ditadura, tomam o palanque fazem discursos contra o regime, colocam fogo no palanque e saem em ato pelo centro da cidade. O palanque ditatorial é transformado em tribuna operária.

A greve na Cobrasma - 16 de julho

A Diretoria do Sindicato Metalúrgico de Osasco, animada pela conjuntura política daqueles anos de 1967-1968, tendo como pauta principal 35% de reajuste imediato; reajustes

trimestrais de salários e a contratação coletiva do trabalho, decidiu não esperar a data base de novembro e deliberou por antecipar a greve para julho de 1968, quatro meses antes da data base. A Diretoria do Sindicato, que havia vencido as eleições de 1967, com maioria absoluta de votos, apoiada por comissões e grupos de fábrica clandestinos, tinha também desempenhado um importante papel na diretiva daquele Primeiro de Maio vitorioso e exemplar. Ainda, Ibrahim, após a visita a Contagem, afirmou que “voltei convencido de que tínhamos mais condições do que eles para realizar a greve. E havia um dado concreto: lá não houvera repressão, e, em São Paulo o movimento estudantil não estava sendo reprimido”. (IBRAHIM, 1978, p. 12). Quando pergunto, em entrevista, à Espinosa se a greve de Contagem impactou em Osasco, ele responde que:

Muito, muito. Houve dois impactos: o mais importante deles foi o de Contagem. Todos os nossos cálculos eram baseados em Contagem. Em Contagem, levou 10 dias para que a repressão fosse ativada, houve 10 dias de tentativa de negociação. Então a gente também achava que eles iam tentar negociar. Em Contagem, a Diretoria do sindicato disse que foi pega de surpresa e que a greve era espontânea. Nós também planejamos isso, o sindicato ia fazer de conta que não sabia de nada. O Ibrahim ia se oferecer como mediador, se ofereceu como mediador. Então, o plano todo baseado em Contagem. (Entrevista - Roberto Espinosa).

Desta forma, a diretoria do Sindicato decidiu deflagrar uma greve com ocupação de fábrica no dia 16 de julho de 1968. De acordo com Ibrahim: "Todo o planejamento foi feito com os companheiros da Comissão, do Comitê Clandestino e do setor mais avançado da fábrica, que somavam ao todo uns duzentos homens". (IBRAHIM, 1972, p. 224). Embora a greve tenha sido organizada pelo Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco, esse não aparecia como organizador. Segundo Octaviano, a greve:

Foi mais convocado pelos trabalhadores, o sindicato estava preparado para fazer a greve, mas ele não podia aparecer, não podia parecer que era ele que estava promovendo a greve, eram os próprios trabalhadores, o sindicato apenas deu apoio. Mas era o próprio sindicato que estava na luta... Só que não podia parecer que era o sindicato que estava fazendo aquele trabalho. Eram companheiros sindicalistas e companheiros que apoiavam a direção. Aí o pessoal se reunia, discutia, fazia as comissões, mas, a gente que era da Brown Boveri não era chamado porque eles queriam fazer a greve da Cobrasma. Aí eu como vice-presidente, eu escutava a comissão [da Cobrasma]. (Entrevista - Octaviano).

De acordo com João Joaquim da Silva, que na ocasião era operário na Cobrasma e membro da Diretoria do Sindicato:

Quando na manhã do dia 16 de julho, às 8:45, um operário apertou o apito da COBRASMA, a greve começou. Os operários da limpeza e acabamento fizeram uma passeata dentro da empresa parando as máquinas, gritando palavras de ordem "abaixo o arrocho salarial", "viva a greve" e "essa luta é de todos". Em menos de meia hora, a fábrica estava totalmente paralisada, realizando a sua primeira assembleia, dirigida pelo CGG - Comando Geral de Greve - que decidiu pela ocupação de fábrica por tempo indeterminado. (...). (SILVA, 2006, p. 15).

Embora vários grupos políticos fossem se envolver naquela greve, a VPR que teve maior peso na orientação daquele movimento, uma vez que seus militantes eram reconhecidos como direções orgânicas na Cobrasma e na região de Osasco; Ibrahim, presidente do sindicato também aderiu à organização em 1968. Dentro da fábrica, José Campos Barreto (Zequinha Barreto) era o responsável por colocar em prática a linha política da VPR. Conforme nos relatou Espinosa, ex-operário da Cobrasma que também era membro da VPR em 1968:

No primeiro dia foi certinho, às 8:15 da manhã, 8:20, tocou o apito, começou na limpeza e acabamento, foi tomado o refeitório, foi organizado, o Barreto assumiu a liderança, foi para a porta, montamos guardas na portaria. Eu estava do lado de fora, aí eu já estava na VPR, a VPR alugou dois aparelhos: um aparelho aqui na Vila Iara, um quilômetro acima daqui [região próxima ao centro de Osasco], onde funcionaria a imprensa, tinha lá mimeógrafo, enfim... A imprensa. Três aparelhos foram alugados... (Entrevista - Roberto Espinosa).

Nesse dia 16 de julho, ocuparam a Cobrasma e a Lonaflex, aderiram à greve operários da Barreto Keller, Granada Fábrica de Fósforos e Osram. Às 10:30 da manhã, 400 operárias paralisam a Fósforos Granada, de acordo com João Joaquim da Silva: "em passeata, aproximadamente 400 operárias grevistas passaram em frente ao portão da COBRASMA, em direção ao nosso sindicato, nos aplaudindo e gritando vivias à greve!". (SILVA, 2006, p. 15). A estratégia da greve foi influenciada pelo foquismo, assim essas greves deveriam funcionar como elemento catalizador que provocaria uma onda de greves no eixo industrial da grande São Paulo (de Osasco para São Paulo e ABC Paulista). No entanto, a ditadura agiu rapidamente em defesa da patronal. Conforme relatou Toninho, que na ocasião era operário na Braseixos:

Daí a pouco, aparecia muita senhora chorando na beira da cerca, porque a televisão começou a dizer que as tropas estavam vindo para cá e ia ser um massacre... Aí as mães, as mulheres dos trabalhadores ficavam muito apavoradas e elas vinham chorando na beira da cerca... Aí a gente dizia: 'Não, podem ficar sossegadas, está tudo sossegado', aí elas voltavam um pouco mais confortáveis. E alguns que queriam sair nós não deixávamos também, porque tinha uns que queriam pular a cerca e ir embora, nós não deixávamos. (Entrevista - Toninho três oitavos).

Buscando aproximar-se ao máximo do processo que havia decorrido em Contagem, Ibrahim, presidente do Sindicato Metalúrgico de Osasco, interpreta o papel de dirigente "surpreso pela base radicalizada", ofereceu-se para mediar o conflito e chegar a uma solução

que atendesse aos interesses dos operários. Ainda na tarde do dia 16, por volta da 17 horas, representando o Ministro do Trabalho, Moacir Gaya foi até Osasco negociar a volta ao trabalho. Porém diferentemente do que se passou em Contagem, não se encontrou nenhuma disposição em atender as reivindicações sem as desocupações. O Governador Abreu Sodré e o Ministro coronel Jarbas Passarinho, seguindo as determinações de Costa e Silva, são encarregados de comandar a desocupação. De acordo com Ibrahim:

Durante a tarde, os representantes do Ministério do Trabalho chegaram ao Sindicato para discutir conosco. Vinham com uma posição bastante conciliadora e tentaram me envolver dizendo que se parássemos a greve e desocupássemos as fábricas eles dariam garantias para que se iniciasse as conversações com os patrões. Nossa posição foi intransigente, não aceitamos nenhum tipo de negociação. A greve havia começado nas fábricas e nós como direção sindical a apoiávamos incondicionalmente. Eu disse que não estava autorizado a negociar e se os representantes do Ministério quisessem poderiam discutir com os companheiros das fábricas ocupadas e com a assembleia dos operários que estavam no Sindicato. Na verdade nós queríamos ganhar tempo para alastrar a greve. Tínhamos consciência de que seria preciso negociar, mas queríamos fazê-lo a partir de uma posição de força e junto com os trabalhadores e não às suas costas. (IBRAHIM, 1972, p. 227-228).

Após a negociação frustrada, os representantes governamentais se retiram. Entra em cena os agentes da repressão armada. O governo não estava disposto a fazer a mesma concessão que fizera à greve dos operários de Contagem. O Governador encaminhou ordem para desocupar a fábrica. As greves foram consideradas ilegais pela ditadura. As entradas da cidade passaram a ser controladas, as fábricas foram cercadas. De acordo com Ibrahim:

A repressão chegou com a noite. A tropa de choque da Força Pública, com a cavalaria, tatus, brucutus, atuando juntamente com o DEOPS ocupou militarmente a cidade. Montaram-se barreiras para controlar as entradas e saídas de Osasco. Policiais pediam documentos às pessoas que circulavam pelas ruas. A tropa de choque cercou as fábricas ocupadas exigindo que a massa saísse. Nenhuma atitude foi tomada com relação ao sindicato. (IBRAHIM, 1972).

A primeira ação da repressão foi desocupar a Lonaflex, a menor fábrica, com menor número de operários. A desocupação dessa fábrica seria uma forma de medir a disposição dos trabalhadores em resistir, permanecer dentro da fábrica e sustentar a ocupação. Cercam a fábrica, dão ordem para que os operários desocupem. Os operários negociam e saem.

Depois de desocupar a Lonaflex o exército segue para a desocupação da Cobrasma. A repressão não permitiria que Osasco colhesse outro triunfo como o do Primeiro de maio na Praça da Sé. Aquela vitória na Praça da Sé ainda estava "entalada na garganta" dos militares e da patronal. Assim decide-se intervir exemplarmente na Cobrasma, desocupar a fábrica, prender e torturar os operários que lideraram a ação. A ditadura militar-burguesa atuou para

impor uma derrota exemplar ao operariado de Osasco pois esse era o setor combativo mais organizado naquele momento.

Conforme registrou Ibrahim: “Os tatus e brucutus romperam as barricadas e os companheiros, para se protegerem, apagaram todas as luzes. A tropa de choque entrou na fábrica dando rajadas de metralhadoras para cima e jogando bombas de efeito moral. Houve muito combate corpo a corpo”. (IBRAHIM, 1978, p. 14). De acordo com o artigo publicado por João Joaquim da Silva (2006), as luzes apagadas não constituíram problema para os grevistas, pois "os operários conheciam bem o terreno. Os soldados corriam como doidos trombando nas máquinas". (SILVA, 2006, p. 16). Conforme relatou João Joaquim que era operário da Cobrasma e membro da comissão de fábrica:

(...) Foi aí que realmente, cavalaria veio também, e aí apareceram também... Apareceu o confronto, e como o pessoal, os trabalhadores, conheciam bem as seções, os esconderijos, onde tinha máquinas e tal, jogavam pedaço de ferro dentro, os cavalos pisavam e caíam, foi realmente... E alguns companheiros... Só que aí, houve alguns, para achar todo mundo, era muito grande a empresa, muitos se esconderam também, e eles tomaram conta também... E muitos companheiros conheciam muitos pontos estratégicos, porque apesar de ser alto o muro, companheiros usaram aquelas escadas de colocar lâmpada, que usam para fazer alguma manutenção, eles colocaram escada e pularam o muro, e o Zequinha saiu, apareceu, saiu junto com o pessoal pela frente, aí, o chefe da guarda, estavam os policiais... Reconheceram ele, muitos... E o pessoal... Saíram todos né, tem um que saiu uma foto histórica, que é o Paraná, ele saiu com a mão na cabeça e os outros atrás. Ele era da comissão, era metalúrgico de manutenção, então, aquela foto é histórica. (Entrevista - João Joaquim).

Conforme escreveu Ibrahim, os articuladores daquela greve não contavam com a repressão no primeiro dia de mobilização: “nos baseamos nas atitudes de [Abreu] Sodré, em relação ao movimento estudantil e na posição adotada pelo Ministério do Trabalho por ocasião da greve de Contagem”. (IBRAHIM, 1978, p. 13). No entanto, diferente da resposta do governo ditatorial às mobilizações em Contagem, nas greves em Osasco a Ditadura interveio rapidamente para evitar que as greves se alastrassem. Conforme escreveu João Joaquim da Silva: "A cidade ficou praticamente sitiada pela polícia e pelo exército, pois nas proximidades existem inúmeros quartéis, inclusive o 2º G CAM 90, grupo de canhões antiaéreos localizado em Quintaúna, bairro periférico de Osasco, onde serviram Geisel, Lamarca e Zequinha [Barreto]". (SILVA, 2006, p. 16). Com rápida intervenção militar e sem contar com ampla infraestrutura de apoio, aquele movimento não encontrou terreno para se alastrar.

Com a desocupação da Lonaflex e da Cobrasma, as forças da ditadura militar já havia derrotado o bastião da greve. De acordo com Ibrahim, só no primeiro dia de greve: "Foram detidos aproximadamente 300 companheiros, mas depois da triagem feita no próprio local,

apenas uns 50 ou 60 foram levados para a delegacia, entre os quais estavam vários membros da comissão legal". (IBRAHIM, 1972, p. 230).

As mobilizações do dia 17 de julho - segundo dia de greve

Mesmo com a violenta, novas greves ocorrem, no dia seguinte operários de outras fábricas de Osasco, da Braseixos, Brown Boveri, Cimaf e Eternit entram em greve em solidariedade aos operários da Cobrasma. A greve alastrou-se em Osasco, mas não passou das fronteiras da cidade. De acordo com relato de Joaquim Miranda que era operário na Braseixos e militante do POC em 1968:

(...) na Braseixos, eu posso garantir, tinha mais de 800 trabalhadores, uma das empresas super importantes, ali do ladinho, não tinha nenhuma preparação para a greve... Aí começou, vai um e diz: 'E nós?', e um segundo: 'E nós?'. E um terceiro... Quando chegou lá pelo décimo, eu falei, está acontecendo alguma coisa!'. Aí eu comecei a dizer: 'Então vamos para o sindicato hoje à noite às 19:00'. A gente saía às cinco e pouco, seis horas do serviço, 'vamos para o sindicato e vamos decidir'. (...) E não é que assim, com tudo meio nas coxas, apareceu umas setenta e poucas pessoas no sindicato. Quer dizer, dez por cento (10%) dos trabalhadores, e lá nós decidimos. No outro dia, no dia 17 [de junho] nós decidimos: 'Vamos parar também, e vamos ocupar a fábrica também'. (...). E eu lembro que eu dizia: 'Hoje não tem conversa'. Porque era uma greve unicamente, na Braseixos, de solidariedade à Cobrasma, principalmente porque na noite anterior tinha havido toda aquela violência da cavalaria entrar na Cobrasma né... (Entrevista – João Joaquim).

Na Brown Boveri, Octaviano, conhecido como "Tigrão" foi um dos organizadores da greve em solidariedade aos operários da Cobrasma que estavam presos e sob tortura. De acordo com seu relato:

Primeiro dia de greve na Cobrasma, fez o que fez, deu o reboiço que deu, tudo aquilo lá, e aí a repressão tomou conta. Aí que fim deu, no dia que já estava em greve, estava o pau comendo lá, eu chamei alguns companheiros da Brown Boveri para a gente se reunir a noite no sindicato e discutir para paralisar para o outro dia a Brown Boveri em apoio aos companheiros que estavam sendo massacrados. Aí convidamos os companheiros, à noite fizemos uma reunião com aquele grupinho e combinamos de no outro dia nós pararmos a Brown Boveri. (...) subi em uma bancada e gritei alto: "a partir de agora nós estamos em greve, nossos companheiros da Cobrasma estão sendo massacrados na Cobrasma. Nós vamos entrar em greve em solidariedade a nossos companheiros da Cobrasma. (Entrevista - Octaviano)

No entanto, diferente dos trabalhadores da Cobrasma e Lonaflex, os operários da Brown Boveri não ocupam a fábrica, decidem sair da fábrica e ir em marcha para o sindicato, com isso pretendiam evitar a repressão e prisão dentro da fábrica como já havia acontecido no dia anterior na Cobrasma. De acordo com Octaviano:

(...) falei: 'a partir de agora nós vamos sair, vamos em passeata e vamos para o sindicato porque uma hora dessas a repressão já está vindo aí para pegar a gente aqui dentro. Aí falei para o pessoal, saímos, quando acabamos de sair no portão, nós estávamos na [Avenida] Autonomista, ali descendo, vinha vindo o exército, a cavalaria... E nós em passeata descendo. Cruzamos com eles. Eles subindo e nós

descendo. Eles estavam indo para a fábrica para não deixar nós sairmos, para a Brown Boveri, só que nós já tínhamos saído né. (Entrevista - Octaviano).

Dia 18 de julho - o terceiro dia de mobilizações

Após três dias de início das atividades grevistas, os operários que não haviam sido presos, buscaram se reorganizar. Fazem uma reunião clandestina na Igreja. No entanto, a repressão estatal ainda continuava a buscar por focos de resistência. De acordo com relato de Joaquim Miranda:

Ali por perto da Cobrasma, em frente o sindicato em Presidente Altino, era mesmo uma praça de guerra. Aqueles carros chamados 'brucutus', 'Tatus', que eu não ouço mais falar deles, estavam todos nas ruas aí... Polícia... Nessa altura, uns 50 trabalhadores da Cobrasma já tinham sido presos... E no dia 18, foi bem mais uns 50 presos... Repressão teve, a cavalaria entrou dentro da Cobrasma, gente pulando o muro de noite... Eu não estava lá dentro, mas ouvi falar... Então a repressão foi fortíssima. Até porque uma greve de ocupação que nem foi aqui na Cobrasma... Ditadura... Ocupar uma fábrica, segurar engenheiro lá dentro, para ir almoçar no bandejão, no mesmo prato... é meio atípico para uma época de Ditadura. (Entrevista - Joaquim Miranda).

As forças repressivas descobrem que os operários estão se reunindo na Igreja, em uma nova operação dirigem-se para lá. De acordo com Ibrahim:

No terceiro dia, nos reunimos para tentar articular um esquema de organização nos bairros. A greve continuava, mas não se tinha alastrado. A cidade estava ocupada, o interventor tomara posse no Sindicato e passou o dia inteiro anunciando que o movimento havia terminado e que os operários deviam voltar ao trabalho. No quarto dia começou o refluxo. Cerca de 50% do pessoal voltou ao trabalho. A partir daí praticamente perdemos o controle do movimento. Estávamos sendo procurados pela polícia, não podíamos circular em Osasco. Entretanto, a greve continuou por mais um dia, a partir do qual 80% dos operários retornaram às fábricas. (IBRAHIM, 1972, p. 233).

Os momentos finais da greve ficaram imersos em grandes dificuldades, o movimento estava em um beco sem saída. A cidade estava sitiada pelo exército, dezenas de militantes e dirigentes presos. Ibrahim conseguiu fugir, mas é obrigado a viver na clandestinidade até que é preso em fevereiro de 1969. Zequinha Barreto foi preso na ocupação e permaneceu sob tortura durante 180 dias.

Mesmo com a repressão à greve, como forma de conter novas mobilizações e novas explosões grevistas, chega-se a um acordo pós-greve. Segundo Ibrahim: "os dirigentes sindicais de São Paulo, a cúpula da FNT, o clero convocaram uma reunião com os patrões na DRT onde se fez um acordo. Os patrões cessariam as dispensas, atenderiam algumas reivindicações e pagariam indenização aos demitidos. Chegaram a conceder reajustes salariais entre 15 e 20%". (IBRAHIM, 1972, p. 233). Após as greves, a ditadura militar-burguesa se viu obrigada a ceder outros reajustes correspondentes ao aumento do custo de vida, assim, "a

partir de 1968 ou 1969, os reajustamentos salariais encontram-se em níveis ligeiramente superiores ao aumento do custo de vida”. (Singer, 1982, p. 60).

A auto-organização de Osasco como exemplo ao movimento operário brasileiro

Em Osasco a comissão de fábrica e grupos clandestinos organizados por seções, mostravam-se interessantes pelo menos em dois aspectos: o primeiro é que durante um período, funcionou dentro da fábrica duas comissões, uma reconhecida pela empresa e outra clandestina. Depois ambas se fundem, disputam eleições e chegam à gestão do Sindicato dos Metalúrgicos. Esta era uma forma organizativa que poderia ser utilizada em diversas outras fábricas, tendo-se uma comissão que aparecia e uma outra que operava de forma totalmente clandestina. Foi uma organização pela base que chegou a conquistar a superestrutura político-organizativa e torna-se então um modelo exequível, passível de ser colocado em prática novamente em outras regiões operárias. Conforme nos relatou Stanislaw, que também militou na Oposição Sindical Metalúrgica:

Osasco era onde estava o *mana*, porque Osasco era onde estava a comissão de fábrica legalizada. Uma comissão de fábrica que se construiu inicialmente como grupo, depois se legaliza como comissão e depois vira sindicato. Ela faz uma crescente. E depois do sindicato assume o papel político do sindicato. (Entrevista - Stanislaw Szermeta).

Mesmo com a repressão as mobilizações do período 1966-1968, a a nova fase repressiva que se inicia pós o AI5, o exemplo de luta e organização de Osasco não se perde, pelo contrário, ele se enraíza no solo da classe operária paulistana. Inspirando-se nos exemplos de Osasco, a Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo organizará dezenas de comissões de fábricas clandestinas durante a década de 1970, combatendo frontalmente o peleguismo e a burocracia sindical que atuava como correia de transmissão dos interesses de da patronal e da ditadura.

As comissões de fábrica em São Paulo: a Oposição Sindical de São Paulo

O ano de 1968 foi marcado pelas disputas entre setores do movimento operário e as determinações político-econômicas da ditadura militar-burguesa. Essas disputas são definidas em favor da ditadura bonapartista, que reprime as greves e cassa os principais dirigentes sindicais que estiveram à frente daquelas lutas operárias. Além de reprimir as greves, em 13 dezembro de 1968 é decretado o Ato Institucional número 5, que foi um contra-golpe burguês-militar que ampliava a atuação repressiva. O AI5 foi uma resposta ditatorial às mobilizações de 1967-1968, dando a tônica da fase mais repressiva da ditadura, que se consolida jurídica e militarmente. Tratou-se de um significativo golpe de força contra o movimento operário que havia aprofundado sua organização (1967-1968), criando e

fortalecendo organismos de base e chegando inclusive a vencer eleições sindicais. Essa incursão repressiva permitiu ao governo impor um novo grau de subsunção ao operariado, intensificando os níveis de exploração da força de trabalho e extração de mais valor no espaço fabril. A produção industrial constituiu-se como o núcleo mais rentável de sustentação do "milagre" econômico ditatorial, erigido sob repressão, perseguição e assassinatos. Esse período, de maiores lucros para o empresariado (1968-1973), será também os anos de maior repressão e perseguição ao movimento sindical e operário.

Quem se beneficiou com o AI5?

O êxito econômico dessa investida foi expresso no chamado "milagre econômico", expressão de um auto-elogio criado pela ditadura. O "milagre" ditatorial-burguês, conforme definiu Chasin, foi: "uma forma de desenvolvimento capitalista; desenvolvimento no quadro dos países economicamente submetidos ao imperialismo, que beneficia o capital monopolista e que expulsa as massas populares da esfera dos direitos políticos e econômicos". (CHASIN, 2000, p. 68-69).

Durante o "milagre" suplicioso, imensas remessas de lucros formadas a partir de intensa exploração de jornadas de trabalho extenuantes, conformavam-se em massivo acúmulo de mais valor que eram capitadas pelas multinacionais, sobretudo da indústria automobilística, Volks, Ford, Mercedes-Benz, GM, FIAT, mas também pela empresas nacionais e de capital misto; Cobrasma, Ultragaz, Villares, Carterpillar, MWM (de José Mindlin), Coldex-Frigor, Caloi, Monark, Metal Leve, Metalúrgica, Massey Ferguson, Rolamentos FAG, Pirelli, Sharp, Bosch, Philips, Philco, Arno e muitas outras. Eram empresas de capital nacional, "burguesia nacional", de capital internacional "imperialista" e de capital misto, unificadas contra o ascenso operário.

Tanto a burguesia industrial nacional; Cobrasma, Villares, Barbará e MWM etc., quanto as multinacionais, como a Volkswagen, Ford, Mercedes, Scania e GM, daquele eixo industrial, feito reduto de espoliação e subsunção real dos trabalhadores, tiveram um espetacular momento de sobreacumulação de capital e superlucros. As multinacionais transferiam essa massa de lucros para o exterior encontrando facilidades e cooperação da ditadura militar-burguesa bonapartista. O reduto fabril tornou-se um verdadeiro "paraíso da exploração", que rendia remessas massivas de capital que eram invertidos sobretudo para E.U.A e Europa. Esses capitais engrossaram, em larga medida, os capitais dessas multinacionais, que frente a esta lucrativa fonte de recursos, podiam ainda investir em novas técnicas produtivas, em capital constante, pesquisa e tecnologia, tornando-se cada vez mais

lucrativas e abarrotando o mercado mundial de novas mercadorias, ampliando a exportação e novos ciclos de acumulação, ao mesmo tempo em que eliminavam mão de obra. Assim, também no Brasil, o empresariado industrial encontrou todo apoio em uma ditadura militar-burguesa que além de controlar a *fórceps* a classe operária, ainda falsificava os índices inflacionários para conceder reajustes salariais abaixo da inflação real.

Os êxitos econômicos funcionaram como uma blindagem para a ditadura, aproximando setores das classes intermediárias e altas para sua base de apoio, o que por sua vez pôde lhe fortalecer para empreender uma violenta ofensiva contra as organizações operárias, sindicais e a luta armada em solo nacional. No entanto, mesmo com as perseguições, assassinatos e torturas, nas bases operárias continuam se organizando greves e paralisações. Foi nesse terreno que se desenvolveu a Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo, uma *Frente de Trabalhadores* composta por militantes independente, militantes da Igreja Católica e militantes de correntes políticas.

Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo

Seu período de maior expressão foi em sua terceira fase 1975-1980. Dentre as forças políticas que compunham a Oposição estavam: Ala Vermelha, Ação Popular, POLOP, POC, PORT, PCdoB, Grupo 1º de Maio, membros da Pastoral Operária, militantes independentes, entre outros. O ponto de convergência entre estas diversas correntes políticas era a organização no chão de fábrica, com base nesta convergência se formava uma frente de trabalhadores.

Todas estas demandas imediatas do local de trabalho serviam como pontos de partida para abaixo-assinados, reuniões, boletins clandestinos e formação de grupos, com isso articulavam-se paralisações por seções e "operações tartaruga", que consiste na diminuição organizada do ritmo de trabalho como forma de protesto. Essa variada gama de atividades sindicais (para além das conquistas econômicas) servia também para aprofundar a coesão entre os operários. Pois as lutas específicas, com demandas imediatas, funcionam como pólo de aglutinação, troca de ideias, de experiências e desenvolvimento de laços de confiança. Os operários podiam fazer experiências e saber em quem podiam confiar politicamente. Ao mesmo tempo fortalecem a confiança em si mesmos e na categoria. Já as correntes, tendências políticas e partidos, atuando nesses espaços, podiam identificar os principais contatos de seu interesse, dividindo-os entre militantes sindicais e políticos. Alguns desses podiam ser convidados para reuniões em separado, junto àquelas organizações e tornarem-se membros delas. Os operários mais experimentados tornam-se base para construção de processos de luta

que demandam "quadros mais sólidos", com maior acúmulo político e teórico. Será por meio desse trabalho que se formará uma camada de dirigentes operários ligados às bases fabris.

O ambiente interno da Oposição Sindical funcionou efetivamente como uma frente de trabalhadores que permitiu compartilhar experiências, construir atuações conjuntas e fundir idéias teóricas e políticas nas bases operárias. A convivência de múltiplas tendências políticas fez com que a Oposição fosse se transformando desde as eleições sindicais de 1967 e constituindo um programa de ação básico.

Interfábricas: embriões de conselhos operários

Dentro desse processo de organização por fábrica, ganha expressão, a partir de 1973-1974, as reuniões clandestinas chamadas de interfábricas, das quais participavam operários de várias fábricas e deliberavam por ações conjuntas. Desta forma, as interfábricas começaram com simples encontros de operários para discutir problemas nos locais de trabalho e militância, mas ganhou característica de fórum auto-organizado pelos trabalhadores de várias fábricas para deliberação de políticas sindicais conjuntas. As interfábricas constituíram reafirmação da necessidade operária de organização pela base e construção de fóruns comuns de articulação da luta coletiva.



As reuniões interfábricas eram formas de reunir os militantes mais ativos de cada fábrica, tanto para organizar uma base para a Oposição, fortalecendo a luta contra a gestão do peleguismo, como para articular o operariado nos locais de trabalho para greves e demais atividades sindicais. Quando pergunto ao ex-operário Stanislaw Szermeta quantas reuniões tiveram do interfábricas ele responde:

Centenas, centenas, centenas. Era um período, era um período que a gente se reunia. Sei lá, Carterpillar, tinha Metal-leve, as fábricas se reuniam em separado, fazia processo de luta. Agora, em determinados momentos era que se fazia, mas na proximidade das lutas mais gerais é que a gente se reunia. Mas as reuniões por fábrica... (Entrevista - Stanislaw Szermeta).

As interfábricas eram articuladas a partir de chamados clandestinos, reunindo-se em Igrejas às escondidas, funcionavam como um organismo de base para articulação da luta operária, servindo tanto para organizar as lutas econômico-sindicais, como a luta política antiditatorial. Das reuniões interfábricas participavam também militantes de correntes políticas e partidárias que haviam estruturado trabalhos no interior das fábricas. As interfábricas funcionavam como uma forma construir a unidade operária pela base, discutindo os problemas do local de trabalho e os níveis de organização interna. A partir disso podia-se ter uma caracterização das principais fábricas, de como se movimentava a patronal e repressão. E assim construir ações conjuntas e unificadas.

As jornadas de greve de 1978 em São Paulo

Durante a primeira metade da década de 1970 registrou-se uma fase de temperamento de quadros operários, sindicais e políticos, onde se forjaram, em pequenas "escolas de luta", organizadores, agitadores, propagandistas e militantes revolucionários. Durante a segunda metade da década de 1970, em meio à retomada das lutas operárias públicas, o acúmulo de experiências pela Oposição de São Paulo lhe possibilitará experimentar um salto em sua construção. Parte significativa desta camada atuará de forma qualitativa no ascenso operário de 1978-1980. A organização na base operária percorreu toda a década de 1970 em São Paulo. Onde destaca-se numa fase clandestina, de enraizamento no chão de fábrica (até 1974/1975) e tendo como ponto alto as mobilizações e a onda de greves de 1978-1980. Este trabalho clandestino veio à tona em 1978.

Fora das fábricas, o ato público de protesto pelo assassinato de Alexandre Vannucchi (1973), marca um primeiro momento de atos públicos de oposição à ditadura. No ano

seguinte, em novembro de 1974, nas eleições, os votos no partido de oposição ao regime MDB, expressaram uma nova onda de protestos contra a ditadura, que embora estivesse em processo de desgaste acelerado ainda não havia abandonado as torturas e assassinatos. E, em 1975, é realizada nova mobilização por conta do assassinato de Vladimir Herzog (1975), milhares de pessoas reúnem-se no seu velório na Catedral da Praça da Sé. Também os movimentos de bairro também ganharam maior expressão de 1973 em diante. (SINGER e BRANT, 1983). No Primeiro de Maio de 1977, operários tentam realizar um ato no centro de São Paulo e são presos. No dia 3 de maio do mesmo ano, estudantes organizam um protesto contra as prisões. Fazem uma passeata com 15 mil pessoas no centro de São Paulo. No dia 5 de maio, milhares de estudantes fazem um novo ato no Largo São Francisco pelas liberdades democráticas.

Em 1977, o BIRD divulgou os dados inflacionários de 1973, denunciando a falsificação dos mesmos pela ditadura militar brasileira, que levou a perda de 34,1% nos salários. Essa manipulação causou grande revolta na classe trabalhadora e fomentou ainda mais a reorganização operária no chão de fábrica. A reivindicação pela reposição dessa perda é levantada por dezenas de sindicatos que passam a compor o Movimento pela Reposição Salarial. Conforme relatou Hélio Bombardi:

(...) quando começou a notícia que o governo tinha passado a mão na grana nossa, manipulado a inflação aí o pessoal ficou muito bravo. Acho que isso foi a grande coisa que o pessoal viu: “Pelo amor de deus, por isso que a gente tá assim”. A inflação que os caras falavam era enorme e isso deixou o pessoal muito puto: “Pô, estão roubando nosso dinheiro, manipulou a inflação e nós vamos querer esse dinheiro”. Isso começou a ser muito divulgado, começou em São Bernardo do Campo, Bancários de São Paulo, então começou um movimento e começou assim: “Olha temos que fazer alguma coisa, que resgatar alguma coisa, conseguir algum aumento”. Acho que isso é que deu condições pra greve de 78 junto com outro elemento que permitiu que em pouco tempo fosse acumulado muito rapidamente as coisas que foi a eleição de 78. (Entrevista - Helio Bombardi, concedida ao IIEP em 2007).

Mesmo os sindicatos pelegos, adaptados à ditadura policialesca e a superexploração patronal, são pressionados por todos os lados por suas bases, precisando obrigatoriamente colocar-se em movimento. A reivindicação pela reposição dessa perda é levantada por uma série de sindicatos² que passam a compor o *Movimento pela Reposição Salarial*. Essa campanha, além de opor trabalhadores e o patronato, na medida em que os operários

² Entre os principais sindicatos que se pronunciaram pela reposição estavam: Metalúrgicos de São Paulo, Confederação Nacional dos Trabalhadores nas Empresas de Crédito, Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Porto Alegre, Federação dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e Material Elétrico do Estado do Rio de Janeiro, Sindicato dos Metalúrgicos de Monlevade de Belo Horizonte, Federação dos Trabalhadores nas Indústrias Urbanas de São Paulo e o Sindicato Metalúrgico de São Bernardo e Diadema. (MOISÉS, 1982, p. 82).

passariam a cobrar reajustes imediatos nos locais de trabalho, opunha também os trabalhadores à ditadura militar burguesa, que passa a ser identificada como responsável direta pela manipulação. Patrões e governo são identificados com cúmplices daquela falsificação. Dessa forma, a constatação da falsificação dos índices, com perda de 34,1%, leva a uma busca por reparação imediata e a pressionar os dirigentes sindicais, o que por sua vez obriga os sindicatos a pautar a reivindicação das perdas. Embora a campanha tivesse colocado os sindicatos no centro da luta pela reposição, não quer dizer que atuavam de forma homogênea, uns optariam por mobilizações, outros apenas por encaminhar ações judiciais contra a União. Conforme relato de Hélio Bombardi para a *Revista Cara a Cara* de 1978:

Através da luta pela reposição salarial, os trabalhadores pressionaram os dirigentes sindicais, que desceram as portas das fábricas, fizeram abaixo-assinado, convocaram assembleias quase que semestralmente com a categoria. Isso foi criando um clima que possibilitou um enfrentamento, que foi um enfrentamento de cruzar os braços, de fazer a greve e conquistar alguma coisa. A diretoria sindical pelega tentou breocar de todas as formas as lutas nas fábricas, encaminhou uma ação contra a União, que até o momento não deu em nada, não convocou nenhuma assembleia da categoria. (Hélio Bombardi. In: *Revista Cara a Cara*, 1978, p. 23).

Conforme apontou Hélio Bombardi, embora os sindicatos assumissem grande centralidade na luta pela reposição, principalmente por serem entidades de representação juridicamente constituídas, isso não implicava na ausência de mobilização nos locais de trabalho. A pauta de reposição dos 34,1% articulará as comissões de fábrica, interfábricas e movimentos de bairros. A luta rompe com a especificidade de categorias, pois atinge todos os assalariados. Funcionou como um ponto de articulação de dezenas de entidades sindicais de todo o país, das mais variadas categorias. Mobilizou pelegos e combativos em assembleias e em disputas jurídicas.

A greve na Scania em 1978

A jornada de greves de 1978 iniciou-se a partir da greve dos operários da Scania no dia 12 maio de 1978. Os operários cruzam os braços, param as máquinas. O movimento preparado por militantes de base, lideranças das seções da fábrica, de boca em boca, surpreendeu o patronato, Estado, e também o próprio sindicato do ABC. Este foi pego de surpresa pela mobilização e pela paralisação. Seu protagonismo influencia os operários do ABC, da Ford, da Mercedes, da Volkswagen e da Villares. Essas greves forneceram elementos de confiança para que trabalhadores e trabalhadoras de outras fábricas e locais de trabalho se mobilizassem e decretassem novas greves, piquetes e paralisações. As greves migram da região do ABC incentivando novas greves na capital paulista.

A primeira greve geral pós-golpe militar

A Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo, organizando sua base de apoio, em uma assembleia com cerca de 20 mil operários na Rua Do Carmo, conseguiu aprovar a decretação da greve em 27 de outubro de 1978. Formou-se uma Comissão de Salários, que chegou a contar com 100 operários. No entanto, ao final da assembléia que decretou a greve geral em 1978, os dirigentes da Oposição sentaram com Joaquinção para redigir o boletim da greve, informando que "toda e qualquer informação a respeito da greve" deveria ser buscada no Sindicato. Assim, não conferiram qualquer autonomia à Comissão de Salários formada na assembleia, ou mesmo à interfábricas como direção alternativa do processo grevista. Deixaram que o poder deliberativo se concentra-se nas mãos da diretoria pelega.

A greve geral, realizada em 30 e 31 de outubro, colocou-se como um grande desafio para a Oposição, que estava adaptada aos trabalhos miúdos no chão de fábrica. Em apenas dois dias, a greve envolveu cerca de 300 mil operários, englobando São Paulo, Guarulhos e Osasco. Essa greve influenciará objetivamente as bases operárias do ABC e na decisão da Diretoria de São Bernardo para a decretação da greve geral em 1979.

1979 - nova jornada de greves no ABC e em São Paulo

O ano de 1979 será marcado pela intensificação da crise econômica, aprofundada pelo segundo choque do petróleo. A classe operária mais organizada nas fábricas e nos bairros periféricos prossegue a articulação de movimentos contra os efeitos inflacionários e a carestia de vida. Os movimentos de bairro confluem com as demais manifestações da classe trabalhadora. Em 1979, o patronato e a ditadura enfrentarão duas greves massivas: uma no ABC paulista, em maio, e outra em São Paulo, em novembro. Apoiando-se na nova conjuntura a Diretoria do Sindicato de São Bernardo, tentando não ser ultrapassada pelas greves como ocorreu em 1978, organizará a greve geral de 1979. Ou a Diretoria se adaptava à nova dinâmica ou cairia em grave descrédito frente às bases descontentes. No ABC, os operários desejavam a greve geral, começaram a paralisar o trabalho antes mesmo da realização da assembleia. Assim influenciam diretamente na decretação da greve geral. Também os piquetes começaram por iniciativa dos operários. O Sindicato de São Bernardo se posicionou contra a realização dos mesmos. Porém não adiantou, pois era essa a forma de organização dos operários nas fábricas. Nesse processo, o Sindicato decreta a greve no dia 13 de maio de 1979.

Nesse ano a greve não vem das fábricas para o Sindicato. A entidade centraliza a greve e busca apartar-se da iniciativa operária no interior das fábricas. O controle das greves sai das fábricas, das mãos dos operários e é assumido pelas *assembléias plebiscitárias*, sob controle estrito da Diretoria do Sindicato, eliminando os elementos de auto-determinação que

emergem do chão de fábrica. Para Garcia, está atuação refletia os limites daquele sindicato: "São Bernardo, sobretudo a partir de 1979, começara a organizar suas ações utilizando centralmente o espaço sindical oficial (a greve saindo da fábrica e se transferindo para o estádio), o que poria em evidência, e de forma dramática, os limites mesmos do sindicalismo atrelado". (GARCIA, 1982).

1979- Nova greve geral metalúrgica em São Paulo

A Oposição organiza outra greve geral na categoria metalúrgica, A greve geral inicia-se a partir do dia 28 de outubro. Dessa vez será uma greve mais longa que a de 1978. Essa greve será o ponto alto da organização do operariado de São Paulo. Em marcha, os operários conquistam as ruas, formam os "piquetões", piquetes móveis que iam de fábrica em fábrica parando a produção e convidando mais operários para aderirem ao movimento paredista, chegam-se a organizar 15 mil operários. Todo o processo grevista dura 12 dias, encerrando-se apenas no dia 10 de novembro.

1980 - A última grande greve operária do ABC

A Diretoria do Sindicato presidida por Lula buscava recuperar-se do desgaste que havia sofrido, tanto de seus erros cometidos em 1978 como da derrota de 1979. Desde as greves de *braços cruzados*, a Diretoria da entidade conseguiu canalizar as lutas para dentro da entidade sindical, mas seguia pressionada por suas bases. Lembremos que as assembleias de milhares realizadas de forma inaugural naquela região em 1979, foram impostas à Diretoria do Sindicato, que, por sua vez, organizou-as de forma que se pudesse garantir a exclusividade da representação. No entanto, esse monopólio das falas, das análises e da possibilidade de encaminhar proposições no microfone, não impedia os descontentamentos da base. Com a negativa em retomar a greve após a "trégua" de 45 dias, bem como a mal sucedida campanha de 1979, desgastou politicamente a Diretoria. Frente a isso, a Diretoria do Sindicato buscará se auto-reformar para não cair em descrédito com sua base. No entanto, não se buscou uma preparação à altura do desafio. Não se organizou o movimento pela base, com comissões em por fábrica e um comando estadual que organizasse os principais setores combativos em uma campanha unificada. No dia 11 de maio, após 41 dias de paralisação, a greve é encerrada mesmo sem ter suas pautas atendidas.

BIBLIOGRAFIA

CHASIN, J. *As máquinas param, germina a democracia*. Revista Escrita/Ensaio nº 7. Escrita, São Paulo, 1980. Disponível no site: http://www.verinotio.org/publicacoes_asmaquinasparam.htm.
ESPINOSA, A. R. *Dois relâmpagos na noite do arrocho*. In: FREDERICO, C. (Org). *A esquerda e o movimento operário*. Vol. I. Editora Novos Rumos. São Paulo 1987.

IBRAHIM, J. História do movimento de Osasco. In: FREDERICO, C. (Org). *A esquerda e o movimento operário: 1964-1984*. Vol. I. Novos Rumos, 1987.

_____. Entrevista à Unidade e Luta. 1972. In: FREDERICO, C. (Org). *A esquerda e o movimento operário: 1964-1984*. Vol. I. Novos Rumos, 1987.

IBRAHIM, J, e BARRETO, J. Manifesto de balanço da greve de julho. 1968. In: FREDERICO, C. (Org). *A esquerda e o movimento operário: 1964-1984*. Vol. I. Novos Rumos, 1987.

LULA, L. I. Lula: Retrato de corpo inteiro. Entrevista concedida a Revista Ensaio. In: *Escrita ensaio*. Nº9. São Paulo, janeiro de 1982.

_____. *Entrevistas e discursos*. Ed. O repórter de Guarulhos. 2ª ed. 1981.

_____. São Bernardo - uma experiência de sindicalismo "Autêntico". 1978. In: *Cara a Cara*. Ano I. Nº 2. 1978.

MOURA, A. Movimento operário e sindicalismo em Osasco, São Paulo e ABC paulista: rupturas e continuidades. Tese de doutorado. Marília: 2015.

O ARROCHO TREME NAS BASES DO ABC. Debate com operários dirigentes de São Bernardo. In: *Revista Ensaio*. nº 7, São Paulo. Ed. Escrita. Abril de 1980.

OPOSIÇÃO SINDICAL METALURGICA DE SÃO PAULO. As greves de 1978. In: FREDERICO, C. (Org). *A esquerda e o movimento operário - 1964-1984*. Vol. III. Oficina de livros. Belo horizonte. 1991.

_____. A greve do ABC de 1979. (1979). In: FREDERICO, C. (Org). *A esquerda e o movimento operário - 1964-1984*. Vol. III. Oficina de livros. Belo horizonte. 1991.

_____. CHEGA DE PELEGOS! 1979. In: FREDERICO, C. (Org). *A esquerda e o movimento operário - 1964-1984*. Vol. III. Oficina de livros. Belo horizonte. 1991.